

O EFEITO
FRANKENSTEIN

ELIA BARCELÓ

Tradução de Ana Maria Doll Portas



Em memória de Mary Shelley, pioneira da ficção científica e da literatura de terror, e de seu imortal romance Frankenstein ou o Prometeu Moderno, publicado em 1818.

ABRIU OS OLHOS EM UMA PENUMBRA ONDE UMA LUZ ALARANJADA E brilhante pintava listras na parede ao atravessar uma persiana entreaberta. Não sabia onde estava e, por um momento, sentiu-se sufocado, assustado, porque não reconhecia o teto do quarto nem nada do que havia ao redor.

Fechou os olhos novamente. Às vezes, isso acontecia, mas, um segundo depois, tudo voltava ao normal e as coisas se resolviam. Abriu os olhos de novo, devagar, dando ao cérebro a oportunidade de começar a funcionar e responder do modo como precisava.

Nada. Continuava sem saber onde estava e por que tinha acordado naquele lugar ao anoitecer. Teria bebido demais na noite anterior e aceitado um convite para dormir na casa de algum amigo?

Levantou-se rápido e ficou sentado na cama com um aperto no peito que, se não era terror, era perto disso. Não se lembrava de nada da noite anterior. Nada. Sua mente era um buraco negro, um deserto, um enorme vazio.

Olhou ao redor, perplexo: tinha dormido em uma espécie de colchão bem nojento, cheio de manchas velhas, cuja origem preferia não saber, e o quarto estava destruído; as paredes descascadas, o batente da janela carcomido, o vidro quebrado em vários lugares, como se tivessem atirado pedras durante anos, o chão cheio de buracos e de papéis de cores que quase não se podiam distinguir, porque a luminosidade alaranjada já estava diminuindo e as sombras se acumulavam nos cantos daquela casa em ruínas.

O que podia ter acontecido para ele acordar naquele lugar? Teria sido agredido? Teria sido atacado por um bando de ladrões que o teriam jogado ali pensando que estivesse morto?

Tocou sua cabeça com cuidado. Doía um pouco, mas era como uma dor de cabeça comum, não parecia que tivesse uma contusão cerebral. Arregaçou as mangas da camisa para ver os braços e, na penumbra azulada, não conseguiu ver nenhuma mancha de sangue nem arranhões ou hematomas. As pernas também não doíam.

Colocou as palmas da mão no peito e, através do tecido, percebeu uma espécie de costura em vários lugares; mas não sentiu nada ao apertar, nem dor, nem queimação, nem nenhum tipo de incômodo. Talvez fosse outra camada de roupa por dentro que estivesse remendada ou atravessada por costuras grossas.

Pensou em tirar a camisa e olhar, mas já estava quase totalmente escuro e fazia frio; assim, decidiu sair dali, ir

para casa e, a salvo no seu quarto, acender uma lamparina, pedir água para um banho, tirar a roupa e explorar detalhadamente seu corpo.

Voltar para seu quarto. Voltar para sua casa.

Onde morava?

Outra vez o buraco negro.

Passou a língua pelos lábios secos, pelos dentes (comprovou com alívio que todos estavam lá, não havia nada quebrado), tocou a face áspera, percebendo que não fazia a barba há alguns dias.

Não se lembrava onde morava.

Tomou o punho esquerdo entre o indicador e o polegar direitos buscando o pulso que, como esperava, estava acelerado. Tinha que sair dali, ainda que não soubesse para onde ir. Precisava de exercício, atividade, para não enlouquecer.

Ficou de pé e saiu do quarto, tateando as paredes como alguém que acabou de descobrir-se cego. A disposição dos cômodos da casa não lhe parecia desconhecida, mas não conseguia associar a nada. Desceu as escadas com cuidado; aqueles degraus de madeira que rangiam com o seu peso não inspiravam confiança, mas não havia outra forma de chegar ao andar de baixo e, dali, ir para fora.

Cruzando a sala em ruínas, que em outros tempos podia ter sido uma cozinha, conseguiu, enfim, sair ao ar livre; e a brisa, apesar de fria, parecia-lhe energizante. Já estava quase de noite, mas o céu ainda conservava, no

horizonte, uma cor alaranjada com rasgos carmim; o jogo de cores se refletia no Danúbio que, naquele ponto, em frente a casa, se acalmava um pouco.

De algum lugar próximo, chegavam fragmentos de música, conversas e risadas, como o eco de uma festa. Virou a cabeça para cima ao ouvir o badalar de um sino, e um nome apareceu na sua cabeça: a catedral de Bela Nossa Senhora.

Algo se acalmou em seu interior ao repetir o nome para si mesmo. Se era capaz de lembrar o nome da igreja e do rio de sua cidade, também saberia onde se encontrava, tinha apenas que continuar procurando na memória.

No melhor dos casos, com sorte, também descobriria quem era. Pois o que ainda não tinha tido a coragem de confessar para si mesmo era que não lembrava o próprio nome e, pelo menos até o momento, não sabia a própria identidade.

NORA CAMINHAVA A PASSOS LARGOS PELA RUA PARALELA À MARGEM do rio, tropeçando na maldita saia longa da fantasia de carnaval. Ela devia ter escolhido algo mais confortável para vestir, mas, como Sara tinha lhe emprestado aquele vestido de dama do século XVIII com uma bolsinha, peruca e tudo, se deixou convencer, apesar de sempre se fantasiar de vampira, bruxa ou coisas do gênero.

Ela nem sabia se tinha sido boa a ideia de ir a uma festa onde não conhecia praticamente ninguém. Já estava em Ingolstadt fazia uns meses e, por causa das aulas, dos primeiros exames, do fato de precisar fazer compras, cozinhar e resolver tudo sozinha, com todas as dificuldades de se relacionar com gente de outra mentalidade, não tinha ainda conseguido fazer um grupo de amigos. Por isso, quando Sara a convidou para aquela festa e inclusive emprestou o vestido, logo aceitou. A única coisa chata era que não tinha conseguido chegar antes porque precisou cuidar de Marie por duas horas. Os pais da bebê tiveram de ir a uma reunião da creche que tinham escolhido para deixar a filha quando tivesse idade

de ficar lá. Nora não conseguiu dizer não a eles e agora estava tentando encontrar o lugar da festa.

Ela parou um pouco para recuperar o fôlego e dar uma olhada no GPS do celular. Devia estar bem perto. Ajeitou a peruca sobre as orelhas e já ia começar a caminhar de novo, quando um grito desesperado a deixou paralisada. Olhou para todos os lados para encontrar de onde vinha o som.

– Socooooorroo! – gritava uma voz de mulher. – Socooooorroo! Alguém me ajuda! Minha neta está se afogando! Socooooorroo!

Levantou a saia até quase a cintura e começou a correr para onde parecia que estava a mulher. Segundos depois a encontrou, na margem do rio, com água até os joelhos, esticando os braços na direção de um vulto que flutuava, afastando-se.

Por sorte, naquele trecho, a correnteza não era tão forte como em outros lugares. Arrancou a peruca branca com seus laços e borboletas, tirou o vestido pela cabeça, sem se incomodar em soltar a amarração, e se jogou na água, sem pensar que poderia estar muito fria.

Estava gelada.

Seu primeiro impulso foi sair imediatamente e secar-se com qualquer coisa. Mas os gritos da menina e da avó a encorajavam, e ela era boa nadadora.

Deixou-se levar pela correnteza, dando fortes braçadas que a aproximavam cada vez mais da criança, até que conseguiu alcançá-la e segurá-la. A menina se

agarrou nela como um macaquinho e quase a levou para o fundo com chutes e braços que lhe apertavam a garganta, afogando-a. Ajeitou a menina de modo que não pudesse dificultar seus movimentos, mas, ao girar o corpo para colocar a menina de costas contra seu peito, um obstáculo no leito do rio bateu fortemente nelas e as separou outra vez. Teve a impressão de ser um galho que flutuava à deriva.

Voltou a nadar com garra até o centro da correnteza, conseguiu agarrar a jaqueta da criança e trazê-la para perto de si, mas, dessa vez, não teve chutes nem braços enroscando-se na sua garganta. A menina tinha perdido os sentidos. Ou algo pior.

Por um momento, abraçando a menina, deixou-se levar. O frio da água era tão intenso, que começava a sentir todo o corpo adormecido, retesado. Estava difícil nadar e notava como o calor do seu corpo ia saindo pela cabeça, pelo cabelo molhado, que cada vez ficava mais frio.

Na altura da ponte, onde a correnteza batia contra um dos pilares, uma onda passou por cima delas, submergindo-as por uns instantes, e Nora pensou que tudo havia acabado, que não conseguiria sair dali. Nesse momento, outros braços surgidos da escuridão a ajudaram a flutuar e ir até a margem com sua carga imóvel.

Quando finalmente estavam em terra firme, se deixaram cair na lama, esgotados, ofegantes pelo esforço,

mas aliviados e contentes de terem saído bem daquilo tudo. A avó vinha correndo, murmurando agradecimentos entre lágrimas, com um celular na mão.

– Chame uma ambulância! – gritou Nora.

– Ela está bem? A Tini está bem?

Os postes de luz já tinham acendido e, através de sua luz perolada, Nora viu que a menina estava quieta, com os olhos fechados, virada de costas como uma boneca, abandonada na margem. Devia ter uns três anos.

O rapaz que as havia ajudado olhava para ela, arrasado. Seus olhos se cruzaram durante uns segundos enquanto ouviam a mulher falando ao telefone, indicando a localização e explicando o que havia acontecido.

Nora foi a primeira a reagir: ajoelhou-se ao lado da criança imóvel, virou-a de lado para que ela vomitasse a água que tinha engolido, inclinou sua cabeça para trás, abriu sua boca, enfiou o dedo para certificar-se de que não havia nenhuma planta dentro, tampouco o nariz da criança e, em seguida, encostando sua boca na da menina, começou a fazer a respiração boca a boca enquanto o rapaz perguntava baixinho, mais pra si mesmo do que para quem o escutava: “Que é isso? O que está fazendo? A menina morreu, não tem pulso. Não há nada a se fazer”.

Nora se afastou para inspirar de novo, compreendeu o que o rapaz havia dito e começou com a massagem cardíaca. Trinta compressões, duas ventilações, trinta compressões, duas ventilações... ritmo rápido, uma vez,

outra vez, sem parar nenhum momento, sem parar de contar.

Uns minutos mais tarde, apareceu a ambulância. Tudo se encheu de luzes azuis giratórias e barulhos de sirene.

– Está viva? – perguntava a avó. – Está viva?

Como resposta, a menina abriu os olhos e desatou a tossir, expulsando assim a água que havia engolido. A avó se lançou sobre ela, mas antes que pudesse abraçá-la, os socorristas a pegaram, colocaram-na no veículo e, momentos depois, todos haviam desaparecido.

– Ela ressuscitou? – perguntou o rapaz, olhando para a menina embasbacado.

Nora balançou a cabeça, levantou-se e começou a caminhar na direção de onde devia estar a sua roupa. Ele a seguiu. Por sorte, pensou, não teve que tirar toda a roupa na frente daquele desconhecido; por baixo usava um *body* inteiro de calça comprida que tinha colocado para não passar frio com um vestido tão fino.

– Não, cara, não estava morta – respondeu, ao notar o quanto o rapaz estava interessado naquilo. – Mas talvez estaria se demorássemos um pouco mais. Coitadinha! De onde ela tirou a ideia de entrar na água com esse frio e quase de noite?

– A senhorita foi muito valente – disse ele.

– Você também. – Virou para olhar para ele quando se deu conta de que a tratara de senhorita. Que cara esquisito era aquele? Estava vestido como se fosse para

ser seu par, de calça com meias brancas e camisa de mangas bufantes com pregas na frente. Talvez tivesse sido convidado para a mesma festa. – E... por falar nisso... obrigada – acrescentou. – Se não fosse por você, nós duas tínhamos nos afogado.

Haviam chegado ao lugar onde ela tinha tirado a fantasia e, apesar de encharcada, a vestiu. Estava morta de frio, igual a ele, que tremia, apesar de que tentava disfarçar.

Felizmente, o celular estava na bolsinha que ela jogara no chão, e funcionava. Chamou um táxi dizendo que era muito urgente e, fazendo gestos ao rapaz que a seguia, foi para a rua paralela ao rio e se posicionou debaixo de um poste de luz para que o taxista os visse quando dobrasse a esquina.

– Nunca tinha visto uma coisa assim – disse ele, ainda pasmado. – A senhorita pode explicar-me o que fez, Fräulein? A menina não tinha pulso, eu poderia jurar sobre a Bíblia.

“Mas que estranho esse cara!”, pensou Nora antes de responder.

– Eu fiz o que qualquer socorrista teria feito: respiração boca a boca e massagem cardíaca. O normal. Bom, e tivemos sorte, claro. Anda, venha comigo pra casa. Temos que trocar de roupa, senão vamos pegar uma pneumonia.

Nora abriu a porta do táxi e praticamente o empurrou para dentro. Em seguida, começou a explicar ao taxista

por que estavam molhados, antes que o homem os expulsasse do carro. Mas, ainda que a contragosto, ele terminou levando-os aonde ela queria ir.

No curto trajeto, o rapaz via tudo com olhos espantados, em silêncio, enquanto os tremores sacudiam seu corpo. Mais do que pelo frio, Nora tinha a sensação de que tremia de nervoso, ou de medo, e isso lhe parecia muito estranho e misterioso. Por que iria ter medo agora que tudo já tinha passado? Seria pelo *choque*?

Ele a observava de canto de olho, sem saber o que pensar, sem saber onde estava, cada vez mais angustiado. Desceram em uma das ruelas do centro, subiram uma escada íngreme até o terceiro andar, a moça abriu a porta e, de repente, tudo se encheu de luz.

Do teto, pendia uma lamparina como ele nunca havia visto na vida, sem chama nem fumaça, que irradiava uma claridade que quase machucava a vista. E a casa estava tão quente como se tivessem mantido o fogo aceso o dia inteiro.

Ela tirou os sapatos, abriu uma porta e desapareceu pelo quarto, e, em seguida, ele escutou um ruído de água corrente. Aquilo tudo era cada vez mais estranho.

Um sonho! Era isso! Um sonho estranho do qual logo acordaria. Tinha que ser um sonho, porque tudo estava acontecendo na cidade onde estudava, mas nada era exatamente como na vida real.

– Toma, seque-se um pouco – disse a moça, estendendo-lhe um pano azul ao voltar. – Tomo uma

ducha rápida e depois é a sua vez.

Ele começou a esfregar o pano azul no cabelo enquanto dava uma olhada em tudo ao redor: roupa pendurada em ganchos de parede, muitos calçados estranhos... femininos, a julgar pelo tamanho, e um par de sapatos talvez masculino jogado pelo chão, uma pilha de livros em um canto. Será que naquela casa só viviam mulheres? E os sapatos de homem? E como aquela mulher se atrevia a deixar entrar um desconhecido? Havia prova melhor de que se tratava de um sonho o absurdo da situação? Mas, em um sonho, ele nunca sentira com tanto realismo a roupa molhada, o frio no corpo, o cansaço e a fome que experimentava no momento.

– Estou pronta! E depois vão dizer que nós, mulheres, somos lentas no banho! Ah, e eu me chamo Nora. É a sua vez. Prefere chuveiro ou banheira? – A moça havia vestido uma bata branca, e uma espécie de turbante cor-de-rosa cobria seus cabelos molhados. Ele tentava não olhar, mas dava para ver suas pernas até os joelhos, e ela não parecia estar envergonhada. – Vai pro chuveiro! – acrescentou, ao ver que ele não respondia. – Gasta menos água e esquenta da mesma forma. Enquanto isso, vou preparando um chocolate quente, topa? Talvez um pouco de bolo, se tiver sobrado.

Ele concordou com a cabeça sem ter ideia do que ela estava perguntando e entrou no pequeno quarto de banho, o menor que havia visto na vida, mobiliado com

objetos que não conhecia. Explorou por um momento, testou as manivelas de dentro da banheira e, em instantes, começou a cair água quente. Tirou a roupa rapidamente e, a todo momento olhando para a porta, que não tinha fechado por dentro porque não havia encontrado o ferrolho, deixou-se esquentar por aquele maravilhoso invento: uma corrente de água quente que parecia não ter fim.

Escutou umas batidas curtas. A porta se abriu, ele fechou a água e protegeu sua nudez com as duas mãos, morto de vergonha. Nunca imaginou que seria possível esse atrevimento de uma moça de classe abastada.

– Desculpa, tinha esquecido de te dar uma toalha e um roupão de banho; é um pouco espalhafatoso, desculpa – disse ela, evitando olhar muito. – Está aqui. – Ela lhe estendia um grande pano, desta vez amarelo, junto com uma espécie de bata muito colorida. – Se você quiser fazer a barba, deixei aqui um barbeador descartável novo. Quando acabar de usar, pode jogar fora. Espero você no meu quarto. A porta do fundo do corredor. E não demore, senão o chocolate esfria.

O banheiro estava cheio de vapor, o espelho, totalmente embaçado. Secou-se muito rápido e vestiu a bata horrível antes de sair no corredor. A porta estava aberta e Nora o esperava sentada à janela panorâmica em uma mesa com duas enormes xícaras de chocolate fumegante. Também havia um grande pedaço de bolo de nozes que lhe deu água na boca.

A moça fez um gesto e ele se sentou, controlando-se para não atacar o bolo como se fosse um lobo. Sentia como se não comesse há dias.

– Sirva-se, anda – disse. Ela tinha tirado o turbante da cabeça e seu cabelo castanho estava começando a enrolar suavemente conforme ia secando. Continuava vestida com a bata branca, sem nada mais. Tinha uns olhos brilhantes e inquisidores, de cor de cerveja. – Bom, eu já disse que sou a Nora. E você, quem é?

“Grande pergunta”, pensou ele. “Isso. Quem sou eu?”

– Vai parecer-lhe muito estranho, Fräulein Nora – disse, por fim, depois de engolir em seco algumas vezes. – Eu não lembro.

Ela não pareceu muito surpreendida. Inclinou-se um pouco na direção dele e perguntou:

– Desde o momento do que aconteceu no rio ou antes?

Ao inclinar-se, ficou à vista uma corrente de prata dançando tentadoramente sobre seu decote: uma coruja, o símbolo de Minerva, a deusa da sabedoria; e também o símbolo de algo profundo e secreto que ela não tinha como conhecer. Ou será que sim? Quem seria aquela moça? Filha ou irmã de quem?

Ela fizera uma pergunta curiosa. Interessante. Científica. Olhou a coruja novamente e decidiu dizer a verdade.

– Desde antes. Um pouco antes do que aconteceu no rio, eu acordei em uma casa em ruínas, aqui perto, sem

memória sobre mim nem sobre meu passado.

– Você sabe pelo menos onde estamos?

Assentiu com a cabeça, energicamente. Fazia poucos minutos que seu cérebro lhe havia dado essa resposta.

– Ingolstadt.

– Certo! Agora, coma um pouco primeiro. Desculpe, é que tenho uma curiosidade insuportável...

O rapaz serviu um pedaço de bolo a Nora antes de servir-se e, controlando a impaciência, cortou um pedaço com o lado do garfo. Estava delicioso. Se foi ela quem o fez, era um excelente partido: bonita, corajosa e com boa mão para a cozinha.

– Você se lembra onde estava indo quando ouviu a avó da menina gritar?

– Eu não estava indo a nenhum lugar. Só queria sair da casa e entender onde estava.

– O que é isso? – De repente, Nora parecia assustada. Olhava fixamente para o centro do tórax do rapaz, um ponto que as laterais do roupão deixavam descoberto.

Ele olhou para baixo, para onde ela indicava, e, sem pensar, afastou as laterais para poder ver o que tanto a tinha impressionado. Na altura do coração, e em três outros lugares do seu torso, várias costuras grandes se sobressaíam sobre o peito pálido e liso, como feridas profundas costuradas de modo apressado com um barbante negro.

Passou a ponta dos dedos sobre as feridas, que ainda não haviam cicatrizado, mas também não pareciam

frescas. Ele não sentia nada. Era como se estivessem engessadas. Ao tocar a que estava na altura do umbigo, percebeu que mais abaixo havia outra, quase na virilha.

Levantou os olhos para a moça, consciente de que era absolutamente indecoroso mostrar-lhe seu corpo dessa maneira, desnudo, mas não podia evitá-lo, como quem busca a confirmação de que o que estava vendo e tocando era real.

Ela se levantou, aproximou-se com um “posso?” sussurrado e passou também o dedo pelas costuras. Ele sentiu um calafrio. Desde a morte da mãe, há uns dez anos, nenhuma mulher o tinha tocado.

– Isto é impressionante – disse Nora, muito baixo. – Dói?

Ele fez que não com a cabeça.

– Estou sonhando, não é?

– Não. A menos que nós dois estejamos sonhando a mesma coisa, não. Esta é a realidade normal.

– A minha, não. Aqui tudo é estranho: as lamparinas, o banheiro, o veículo que nos trouxe, a forma de se vestir da mulher e da menina do rio... Tem que ser um sonho.

Nora se afastou da mesa, saiu do quarto e voltou depois de uns minutos com algumas roupas.

– Tome, vista isso; são do Toby e não sei como ficarão em você, mas é melhor do que te ver com o roupão do Heike e com o peito cheio de feridas mal costuradas que não doem.

– Quem é Toby, senhorita? Seu irmão?

– Você pode parar de me chamar de senhorita? Está me deixando nervosa. Toby é meu amigo de república. Neste apartamento, moramos Heike, Toby e eu. Eles estudam filosofia e eu, medicina.

– Medicina! Como eu – disse ele, de repente. E sorriu.
– Acabo de me lembrar! Estudo em Ingolstadt porque é a melhor universidade de Química e Medicina.

– Agora já não tem a mesma fama. Transferiram a faculdade para Landshut primeiro, faz uns dois séculos, e depois para Munique. Faz só um ano que abriram aqui de novo. Eu queria estudar em Viena, mas não havia vagas. Ano que vem vou tentar a transferência e talvez consiga voltar para a Áustria.

– Eu também sou austríaco. De Salzburgo. – Parecia-lhe maravilhoso ir lembrando coisas sobre si mesmo. Tanto que não podia perguntar tudo o que lhe vinha à mente ao escutá-la, porque primeiro tinha que recuperar a memória completa.

Até uns segundos atrás, ele não saberia responder se tivessem perguntado a ele de onde era. Enquanto conversavam, foi se vestindo de costas para Nora e, quando estava pronto, virou-se para que ela verificasse se estava bom.

Nora ficou olhando para ele. A roupa era quase do seu tamanho e ele estava bonito nela, mas de alguma forma a outra roupa o deixava mais real; com as coisas do Toby, ele parecia fantasiado.

– Você já se lembrou de um pouco mais. Vamos tentar o seu nome? Vamos ver. Olha. Eu sou Nora... E você? Sabe, né? Mim, Jane; tu, Tarzan...

– Como?

Ela viu seu olhar de incompreensão total e, para não deixá-lo ainda mais aflito, continuou:

– Nada. Vamos tentar de novo. Eu, Nora, você...

Ela fitava aqueles olhos verde-acinzentados e ameadados, inteligentes, um pouco oblíquos, sobre as maçãs do rosto altas. Ele tinha o cabelo um pouco longo, ruivo-escuro, e não havia feito a barba.

– Eu, Nora. Você...

– Maximilian – disse de repente. – Acho. – Sorriu com timidez, e se formaram duas covinhas nas bochechas.

– Estamos progredindo. Muito prazer, Max. – Nora esticou a mão para que ele a apertasse e ele a girou delicadamente, se inclinou e a beijou, apenas tocando levemente os lábios, com absoluta naturalidade. – E agora vamos para a cozinha – acrescentou rapidamente para disfarçar o embaraço. – Vamos ver o que tem na geladeira para preparar um jantar decente. Estou morta de fome e temo que o chocolate quente e o pedacinho de bolo não passaram de um aperitivo. Gosta de massa?

Maximilian ergueu os ombros e a seguiu. Somente seus pais o chamavam de Max; para o restante do mundo, ele era Maximilian. Mas estava gostando de que ela o chamasse assim. Que pena que aquilo não passava de um

sonho! Aquela moça tinha alguma coisa que ele buscava há muito tempo.

* * *

Enquanto ela mexia na cozinha, ele voltou ao banheiro para seguir o conselho de Nora e fazer a barba. Custou-lhe bastante entender como funcionava aquele invento e passou todo o tempo pensando em como lhe parecia estranho que um homem morasse com duas mulheres, sem nem ser parte da família. Que classe de pessoas eram aquelas? Que classe de pessoas eram seus pais, que permitiam algo assim? E como era possível que Nora estivesse estudando Medicina? Não que lhe faltasse inteligência, isso estava cada vez mais claro, mas era uma mulher e, portanto, jamais a aceitariam em uma universidade. Teria que perguntar mais coisas, mas, infelizmente, mais da metade de sua mente estava ocupada em lembrar e, sobretudo, em descobrir de onde vinham aquelas cicatrizes estranhas que cobriam seu torso.

Observava-as pelo espelho, espantado. Por mais superficiais que fossem aquelas feridas, e não eram, ao menos duas delas teriam lhe causado a morte. A partir disso se abriam dois caminhos em seu pensamento: por um lado, quem lhe tinha feito algo assim? Por outro, como era possível que tivesse sobrevivido e quem havia costurado aquelas feridas?

Se pudesse lembrar, o mais provável é que viriam à sua mente as circunstâncias do ataque, talvez, inclusive, a pessoa que havia feito aquilo e o motivo. No momento, com a ajuda daquela mulher estranha, a única coisa de que se lembrava era que se chamava Max, que era de Salzburgo e que estudava Medicina em Ingolstadt.

O que será que Nora quis dizer quando comentou que “agora já não era a melhor universidade”, que a tinham transferido?”. Ele assistira aulas até recentemente, tinha certeza. Ninguém havia transferido nada. E ela disse ainda que “fazia uns dois séculos”.

Colocou a roupa molhada em cima de umas barras metálicas quentes que havia no banheiro, terminou de fazer a barba, agora parecia mais civilizado, e voltou à cozinha, de onde saía um cheiro maravilhoso. Enquanto isso, ela tinha se vestido, e seu traje o deixara paralisado na porta: vestia uma espécie de calça preta masculina, justíssima, que em uma mulher deixava muito espaço para a imaginação. Cobrindo seu torso, uma peça solta que permitia ver muito bem o que ela trazia por baixo: um leve *brassière* francês que o obrigou a pigarrear e desviar o olhar.

Nora pôs a comida na mesa e entregou-lhe uma garrafa de vinho para que ele abrisse. Uma senhorita bebendo vinho! Abriu a garrafa sem comentários e serviu duas taças, com a esperança de que ela dissesse que não queria, que era só para ele, mas ela se limitou a sorrir, pegar a sua e levantá-la para um brinde.

– Por nós e pela criança que salvamos! E para que recupere logo a memória. Pode ser uma consequência do trauma que você sofreu e que lhe causou essas feridas. Você lembra o que aconteceu?

Ele balançou a cabeça negativamente e tomou um gole grande de vinho. Era muito bom. A comida, entretanto, era muito estranha. Cheirava muito bem, mas o prato estava cheio de coisas que não conhecia: umas tiras compridas brancas muito finas, como lombrigas gigantes, nadando em um molho violentamente vermelho salpicado de uns frutos escuros, cortados, e outras lombriguinhas rosadas com um pedacinho de cauda quitinosa. A única coisa que havia identificado no prato era um ramo de alecrim e um salpicado de manjericão.

– Vamos comer antes que esfrie. Espero que não seja alérgico aos camarões. Comprei ontem e tem poucos, mas estão bons.

A primeira garfada foi como um choque na boca. Nunca havia provado aquele sabor, e era tão intenso, que quase lhe parecia excessivo. Mas as coisas brancas e compridas (algo que obviamente era feito de farinha e talvez ovo) neutralizavam um pouco, e ele logo se acostumou. E terminou comendo dois pratos cheios até a borda.

– Bom – disse ela, sorrindo satisfeita, como todas as mulheres cujos esforços na cozinha são apreciados por

um homem –, agora você já provou meu famoso espaguete com tomate, azeitonas e camarões. Que tal?

– Maravilhoso.

– Agora vamos ver as tuas feridas. Posso dar uma olhada? No final das contas, nós dois vamos ser médicos.

Max engoliu em seco. Afastou-se da mesa e, quando estava a ponto de tirar a parte de cima da roupa, que não tinha botões nem nada para abrir, voltou a negar com a cabeça.

– Não, Fräulein, sinto muito. Acho que primeiro tenho que entender eu mesmo e talvez consultar um colega.

Nora ficou olhando para ele, primeiro furiosa, depois sem expressão.

– Está bem, como quiser. Então é melhor irmos pra cama. Hoje foi um dia longo.

Max ficou petrificado. Será que ela estava insinuando?... Não. Não era possível. Ela não sorria. Não olhava para ele do modo como ele havia visto que certas mulheres olhavam homens em uma esquina escura. Tudo estava muito estranho, mas estava certo de que ela era uma moça decente. Ela não podia estar propondo... As palavras dela interromperam seus pensamentos loucos.

– Você pode se ajeitar ali na cama do Toby. Ele foi passar o fim de semana de carnaval na casa dele, assim como o Heike. Tenho certeza de que ele não se importa. Vou pegar um cobertor. Amanhã é feriado; podemos

acordar tarde, conversar mais e continuar investigando.
Boa noite.

* * *

Ele devia ter dormido rápido, porque, quando acordou com as badaladas das cinco, estava descansado e com a cabeça renovada. A casa estava escura e em silêncio.

Espreguiçou-se na cama mais confortável que havia provado na vida. A temperatura era perfeita e ficou tentado a virar e continuar sonhando aquele sonho maravilhoso onde, com sorte, ao levantar-se, voltaria a ver Nora; mas algo lhe dizia que, se queria começar a resolver o mistério, tinha que voltar à casa em ruínas onde tinha despertado sem memória de si mesmo. E tinha que fazê-lo sozinho. Não podia pôr em perigo aquela pessoa encantadora. Logo a veria de novo, quando voltasse a ser dono de si mesmo.

Levantou-se em silêncio, trocou as roupas de Toby pelas próprias com um arrepio (que leves pareciam em comparação às suas!) e, ao aproximar-se da janela e ver que havia nevado um pouco durante a noite, decidiu pegar emprestada uma roupa. Vestiu uma jaqueta incrivelmente quente e leve; depois de rabiscar um bilhete, saiu, com cuidado para não despertá-la, e foi até a faculdade. Queria simplesmente assegurar-se da existência da instituição antes de voltar para explorar as ruínas.

* * *

Nora abriu os olhos quando escutou a porta batendo ao fechar. Tinha dormido pouco e mal, porque tinha certeza de que Max iria tentar sair escondido. E estava completamente certa, mas não estava disposta a deixar que um rapaz com um trauma como o dele ficasse vagando pela cidade de madrugada; podia acontecer qualquer coisa.

“Não tente se enganar, Nora. O que acontece é que você gosta do cara e não quer perdê-lo sem mais nem menos. Se você o perder agora, nunca vai encontrá-lo”, disse sua voz interior.

“Tudo bem, concordo. Eu gosto do cara, e daí?”

“Daí, nada. Vai atrás dele. Hoje em dia nós, mulheres, não temos por que esperar que eles deem o primeiro passo. Corre, antes de que ele se perca pelas ruelas!”

Vestiu-se a toda velocidade, viu um bilhete sobre a mesa, colocou no bolso, olhou pela janela, viu que ele virava na Kanalgasse e saiu do prédio a toda velocidade, usando os tênis de corrida, o que fez com que ela o alcançasse logo em seguida sem que ele se desse conta.

Ele ia para a universidade velha. Como ela supunha, parou em frente ao que era agora o Museu de Medicina e Anatomia Antiga, mas que, no passado, a partir do século xv, tinha sido o edifício onde se estudava medicina e onde se faziam dissecações de cadáveres no teatro anatômico.

Observou-o parado ali durante vários minutos, balançando a cabeça, lendo e relendo a placa da entrada moderna, afastando-se alguns passos, levantando a cabeça para ver todo o edifício, colocando as mãos em forma de concha do lado dos olhos para ver através dos vidros do museu cujas luzes, logicamente, estavam apagadas àquela hora. Como se ele não reconhecesse, como se não pudesse crer.

Um pensamento que já havia surgido à noite, à princípio no seu íntimo, começou a crescer na mente de Nora. Era impossível, era uma loucura, mas, no entanto, explicaria muitas das coisas estranhas que havia notado em Max: sua comodidade com a roupa antiga que vestia, sua mania de chamá-la de senhorita e Fräulein, seu desconhecimento sobre as coisas mais básicas, como os táxis, as lâmpadas e os tomates.

E se ele fosse um viajante no tempo? E se viesse do passado?

Nora sacudiu a cabeça para si mesma justamente no momento em que Max começava a caminhar de novo, desta vez em direção ao rio, para a casa em ruínas de que havia falado.

Não era possível. Além disso, se fosse um viajante no tempo, estaria mais treinado: saberia o que são espaguete e não a teria olhado com tanto espanto ao vê-la vestida de leggings.

Um transeunte solitário caminhava com seu cachorro perto do rio. Max se escondeu na entrada de uma casa até

que o homem se perdesse de vista. Nora esperou também.

Alguns segundos depois, Max continuou andando até uma casa antiga que, realmente, era uma ruína no meio de um pequeno jardim também totalmente descuidado. Cruzou, entrou pela parte de trás e desapareceu.

Nora mordeu os lábios, indecisa. Devia segui-lo e ver aonde se metia? Sim. Não tinha mais remédio. Se o perdesse agora, talvez nunca mais voltasse a encontrá-lo. Seguiu-o escondida.

Atravessou um quarto que devia ter sido uma cozinha ou uma lavanderia e desembocava em um corredor escuro. Os passos de Max, cuidadosos, faziam ranger a escada. Se ela também subisse, ele a escutaria, mas se, para evitar isso, ficasse embaixo, não descobriria o que ele estava fazendo e não faria sentido ter chegado até ali.

Antes que pudesse decidir-se, viu que ele descia e só teve tempo de voltar até a cozinha. Deu uma espiada com cuidado e, como era de se esperar, viu apenas uma parte dele, contra a primeira luz que se filtrava do exterior. Max parecia olhar fixamente para algo que se encontrava no pé da escada e que, de onde estava, ela não conseguia ver.

Escutou um rangido de porta abrindo, uma exclamação reprimida, uns passos e, de repente, nada mais, silêncio total.

Depois de uns minutos, quando estava segura de que nada mais iria acontecer, atreveu-se a espiar o corredor

que agora estava iluminado por um sol nascente, de um vermelho intenso. Avançou até se colocar no lugar onde Max havia estado e olhou na direção que ele tinha olhado. A única coisa que havia era uma despensa, debaixo do vão da escada, fechada com uma porta de madeira com uma trava de metal enferrujado.

Nora tinha escutado a porta abrir. Max tinha que estar lá dentro.

Dentro de uma despensa debaixo de uma escada? Para quê? E... por que já não tinha saído?

Deu dois passos lentos, com esforço, em direção à porta, com a mão direita estendida na frente dela, como se temesse que a trava lhe desse um choque elétrico.

Os sinos da Bela Nossa Senhora bateram a meia hora. Das cinco e meia.

Tocou levemente a trava sem sentir nada em particular, exceto que estava frio. Apoiou seu peso nela e a porta se abriu para dentro com um rangido de filme de terror, em direção ao buraco escuro que imaginava. Um depósito. Não podia ser outra coisa.

E, no entanto...

De lá do fundo vinha uma corrente suave de vento frio. Deu um passo para dentro. E outro mais. Agora conseguia ver uma luminosidade lá longe, como quando a gente está em um túnel que faz uma curva e você não pode ver a saída, mas consegue perceber a luz no fundo. Deu mais dois passos. Para ser uma despensa embaixo da escada, aquilo era enorme. E Max não estava lá. Era um

silêncio total; se estivesse escondido no escuro, ouviria sua respiração, ou ao menos sentiria sua presença, o calor de seu corpo. Mas ali não havia ninguém.

Continuou avançando.

Tinha o estômago apertado de medo, mas a curiosidade era grande demais, de modo que, sem prestar muita atenção no que sentia, continuou. Precisava ver onde acabava aquele depósito, o que era a luz que se percebia ao final.

Mais três passos, uma curva à direita e ali, ao fundo, já muito perto, a luz da rua. De qual rua? A boca e a garganta tinham ficado secas e Nora engoliu na tentativa de amenizar o incômodo.

Com um cuidado infinito, aproximou-se da janela com grades por onde brilhava a luz. Atrás havia uma rua, de fato. Só que se tratava de uma rua onde, ao menos de onde ela estava, não se via nenhum poste de luz, nenhuma banca de jornal, nenhum carro, nem nada que pudesse indicar que se tratava de uma rua da Ingolstadt do século xxi.

Ficou ali alguns minutos, transfigurada, esperando que passasse alguém para comprovar sua teoria, mas era cedo demais e temia que isso não acontecesse, a menos que estivesse disposta a esperar um tempo.

Estava enganada.

Depois de uns minutos, um homem vestido como se fosse para um baile de carnaval, com calças brancas, casaca parda e chapéu de três bicos, cruzou a sua frente

sapateando sobre as pedras da rua. Atrás dele, um rapaz bem jovem vestido de forma parecida carregava uma caixa de madeira, possivelmente de ferramentas de algum ofício que ela não podia imaginar.

Afastou-se da janela, assustada. Não queria que ninguém a visse espiando. E já ia embora quando o badalar agudo de uma sineta a fez voltar ao seu posto de observação. Um menino vestido de coroinha, carregando uma cruz dourada em um estandarte abria passagem a um sacerdote que, com as mãos na frente do peito, parecia levar uma caixa muito valiosa. Outro coroinha ia atrás. Os três caminhavam muito rápido, e o homem tinha uma expressão de extrema urgência.

Tinha a impressão de que já tinha visto um quadro parecido em algum museu.

Claro! *O Viático**! Nora se lembrava das histórias que a bisavó lhe contava do tempo em que era criança: sempre que se escutava as sinetas, era o padre passando para dar a extrema-unção a um moribundo. Pelo que parecia, ela tinha voltado a uma época em que isso era normal.

“Será que era Max quem estava morrendo?”, pensou assustada.

Não, como iria ser Max? Dez minutos atrás estava vivinho da silva.

Por um momento, a tentação de sair a passear por aquela Ingolstadt desconhecida foi tão forte, que teve que recorrer a toda a sua sensatez para não ir. Como iria sair vestida daquele jeito? Seria mandada para um hospício

como louca. O mínimo que podia fazer era voltar para casa, colocar a fantasia do dia anterior e voltar vestida de um modo mais ou menos aceitável para a época. Não era o ideal, mas pelo menos não chamaria tanta atenção. E sabia onde encontrar Max.

Ele tinha dito que iria se consultar com um colega.

O mais provável era que tivesse ido direto para a faculdade.

* N. T.: *El Viático* (1840), quadro de Leonardo Alenza y Nieto que integra a coleção do Museu do Prado (Madri, Espanha). O quadro representa uma cena comum na Espanha até o início do século XX, em que o padre caminhava pelas ruas da cidade em procissão para levar a extrema-unção (o viático) a um doente, geralmente pobre. Ao ver passar o padre e os coroinhas, a população costumava ajoelhar-se. [<<]

○ ALÍVIO QUE MAX SENTIU AO PERCEBER QUE TINHA VOLTADO À cidade que tão bem conhecia foi dos mais intensos que experimentou na vida.

A princípio não soube em que realmente consistia a diferença, mas logo notou que o ar tinha outro cheiro; não necessariamente melhor, senão diferente, menos químico, mais orgânico, de fezes de animais, de umidade do rio, de... de vida.

As pessoas que passavam ao seu redor se vestiam normalmente: os homens, com calças e botas, capas grossas, perucas e chapéus de três bicos, mais elegantes e modernos, e redondos e de aba larga, mais tradicionais; as poucas mulheres – que, em sua grande maioria, se dirigiam à igreja acompanhadas de suas donzelas –, com capas de capuz grande, que, ao se movimentarem, permitiam vislumbrar as saias de seda de cores intensas, e com sombrinhas trabalhadas sobre as perucas brancas do dia a dia; as serviçais, com grandes cestas no braço, a caminho do mercado.

Podia-se ouvir cascos de cavalo repicando sobre a rua de pedras, barulhos de conversas, sinos ao longe, gritos

de um professor repreendendo um aprendiz, rodas de uma carruagem... tudo normal.

Girou para ver bem o lugar e, com surpresa, comprovou que se tratava da casa onde alugava seus aposentos de estudante no terceiro andar: um dormitório, uma saleta e um laboratório-escritório.

Na outra Ingolstadt, a de Nora, a casa virara ruína. Como isso era possível? Balançou a cabeça, angustiado. Aquilo era esquisito demais para compreender e mais ainda para aceitar, e, então, tratou de apagar da mente. Entrou de novo na casa, subiu com cuidado as escadas (se alguém perguntasse alguma coisa, diria que tinha saído para a missa, que tinha sentido frio e voltado para pegar uma capa mais grossa) e, já em seu quarto, largou-se em uma poltrona que ficava ao lado de uma lareira, desfrutando a sensação de estar em casa, aquela que tinha sido sua casa durante três anos, desde quando saiu de Hohenfels para vir estudar na universidade de maior prestígio no meio germânico, que, segundo Nora, tinha sido transferida para outro lugar duzentos anos atrás.

Sem poder evitar, encontrou-se lembrando o que tinha vivido com ela e começou a comparar com o que havia ao seu redor: a luz vinha de um lampião a óleo e de duas velas de cera de abelha que emanavam um perfume doce e acolhedor. Se quisesse tomar um banho, teria que pedir a sua caseira que esquentasse água e fosse trazendo pouco a pouco até encher a banheira.

Passou a mão com suavidade pela manga da roupa que havia tomado emprestada, admirando sua leveza, sua calidez, comparando-a com sua capa de inverno, tão grossa e pesada. A outra Ingolstadt devia estar cheia de maravilhas, mas agora sua missão era averiguar com todos os detalhes quem era ele, o que lhe acontecera e quem era o responsável por aqueles cortes que cobriam seu corpo.

Não quis dizer a Nora, mas era evidente que alguém tinha tentado matá-lo, e isso significava que possuía inimigos desconhecidos, algo que nunca lhe teria ocorrido. Quem poderia ganhar alguma coisa assassinando um mero estudante?

Lembrou da coruja de prata e isso o fez pensar na sociedade secreta à qual pertencia havia mais de um ano. Será que tinha alguma relação entre a tentativa de assassinato e os inimigos da sociedade?

Tudo era possível.

E nesse caso... Nora teria alguma relação com os que tentaram matá-lo?

Que bobagem! Como estariam relacionados se nem viviam na mesma cidade? Porque a cidade onde Nora vivia, por mais que tivesse o mesmo nome e mais ou menos os mesmos edifícios nos mesmos lugares, não era a cidade onde ele vivia. Disso estava completamente seguro, ainda que não soubesse explicar essa dupla existência.

Precisava falar com Viktor. Era a única pessoa de todas as que conhecia que se atrevia a pensar em coisas realmente estranhas e, inclusive, impossíveis, e que tinha uma mente capaz de transpor os obstáculos impostos pelos costumes, pela religião, pelas leis e até pela lógica.

Levantou-se de um salto, tirou a jaqueta maravilhosa com grande relutância, colocou uma roupa limpa e, bem abrigado na capa de inverno, com a peruca do dia a dia e com o chapéu na mão, saiu de casa para a universidade.

* * *

Nora saiu do teatro abraçada a uma enorme sacola onde levava a fantasia que acabara de alugar. Estava com sorte, porque, na temporada anterior, encenaram *Così Fan Tutte*, a ópera de Mozart, e tinham muitos vestidos da moda do século XVIII. Sua maior dificuldade fora convencer a costureira de que o que ela queria era um modelo simples, algo que uma moça comum de classe média usaria todos os dias. A mulher insistia que para uma festa de carnaval era muito mais adequado um vestido como os das sopranos: saias enormes de seda sobre uma armação de aros de madeira chamada tontilho ou *pannier*, perucas brancas altas cheias de adornos, maquiagem branca e muito contraste. Nora repetiu diversas vezes que precisava de algo mais confortável e então a costureira aconselhou-a a vestir-se de criada. Por fim, depois de muito tira e põe, o que ela trazia na sacola

era mais ou menos o que queria: algo que não chamaria muito a atenção e lhe permitiria passar por uma senhorita de classe média nessa improvável Ingolstadt do século XVIII, caso ela decidisse finalmente cometer a loucura de embarcar nessa viagem.

A caminho de casa, observava o mundo ao seu redor, conhecido, de todos os dias, com novos olhos, tentando prestar atenção naqueles detalhes que sempre tinham passado despercebidos, tentando se lembrar de como era sua cidade moderna para poder comparar com a antiga. Aquela casa estaria na outra cidade, talvez com a fachada mais renovada e a cor mais viva? Seria possível ver a torre, a Pfeifturm, da praça? O Danúbio seria mais largo e bravo?

Será que todo mundo notaria que ela era uma intrusa, alguém que não tinha o direito de estar lá?

Nora era uma grande leitora de literatura fantástica e de ficção científica. Lera centenas de romances e relatos sobre viagens no tempo e, por causa deles, havia pensado muito na questão que agora, de forma quase milagrosa, acabava de lhe acontecer. Sabia perfeitamente que não era possível passar despercebida em um mundo do passado, porque não havia modo de conhecer todos os códigos necessários. Nem sequer a língua e seus usos eram iguais, e também não tinha tempo para aprender. Seu único conhecimento nesse sentido era o que aprendera com os filmes baseados em romances das irmãs Brontë ou de Jane Austen. Lembrava bastante de

Orgulho e Preconceito, tinha lido *Jane Eyre* e *O Morro dos Ventos Uivantes*, todas obras que se passavam na Inglaterra; esperava que a Alemanha do século XVIII não fosse muito diferente.

De todo modo, a única coisa que podia fazer era buscar a faculdade de medicina com a esperança de encontrar Max por lá e que, então, ele pudesse guiá-la pelo passado. Enquanto isso, ele também já devia ter se dado conta do que havia acontecido e que aquela despensa da casa em ruínas era a ligação entre dois tempos de uma mesma cidade. Max e seu mundo estavam em pleno Iluminismo; ele teria que ter uma mente aberta até esse ponto. Pelo menos essa era sua esperança; e se percebesse que ele não poderia admitir essa possibilidade, ela voltaria para seu tempo na hora, para sua vida normal, depois de ter feito um bonito passeio pelo passado. O que Nora tinha a perder?

“Pode ser que aconteça que, por algum motivo, se feche a passagem e você se veja presa em pleno século XVIII, com a Revolução Francesa a ponto de acontecer, sendo mulher, sozinha, sem dinheiro e sem contatos. E aí?” Às vezes sua outra voz parecia realmente insuportável, pensou Nora, bufando tanto, que levantou as mechas da franja.

“Não vão ser mais do que duas ou três horas... um simples passeio.”

“Sei. Suponho que você nunca ouviu a palavra *imprevistos*, certo? Tudo aquilo que pode acontecer sem

que você esteja esperando, coisas que você não pode controlar. A vida está cheia de imprevistos, sua louca.”

Chegou em casa nervosa, mas decidida. Como, por sorte, nem Toby nem Heike voltariam nos próximos dias, pelo menos não teria que disfarçar. Colocou a mochila sobre a mesa e começou a pensar no que deveria levar: celular (“Burra, para que você vai levar um celular para um passado sem eletricidade?”, “Para tirar foto, espertinha”, “E se confiscam o aparelho e prendem você pensando que é bruxa? No século XVIII aconteciam essas coisas, entendeu?”, “Tá bom, tá bom, eu não levo”); cédula de identidade (“ha-ha-ha”); dinheiro (“Dinheiro do século XXI? Se pelo menos fosse ouro, ou joias”, “Não tenho ouro nem joias”, “Você tem os pingentes da Comunhão”, “Vou com eles no corpo e com a pulseirinha que a vovó me deu de presente no aniversário de dezoito anos”); lenço de papel (“Melhor um lenço de tecido, não acha?”).

Ficou olhando embasbacada o conteúdo da mochila esparramado sobre a mesa. Praticamente tudo o que havia ali era impossível e desconhecido no século para onde pensava em ir. Até os livros e cadernos eram tão diferentes, que não pareciam possíveis. Isso sem contar as canetas esferográficas e os corretores de fita que ela usava.

Com um suspiro, conformou-se em sair de casa com o bolsinho de tecido (uma algibeira, como tinha dito a costureira) praticamente vazio. Nunca na vida havia

saído com tanta roupa no corpo, mas se sentia pelada sem a mochila no ombro com suas coisas essenciais: celular, computador, carteira, caderno de anotações, livro, fones de ouvido...

Colocou tudo de novo na mochila e a levou para o quarto. Já estava saindo quando notou um papel dobrado que ela havia tirado da jaqueta ao chegar em casa. Óbvio! Era o bilhete que Max deixara e que ela enfiara no bolso quando saiu correndo para ver aonde ele estava indo. Abriu o papel tremendo por dentro e riu de si mesma; estava claro que ela se importava de verdade com aquele rapaz.

Distinta Fräulein Nora,

Lamentavelmente, tenho que me ausentar; certos assuntos de crucial importância requerem minha atenção imediata. Desejo expressar-lhe minha obediente gratidão por sua hospitalidade e benevolência comigo. Se for vontade de Deus, nos veremos novamente.

Seu estimado,

Maximilian (ainda sem sobrenome)

Sorriu, lisonjeada. Nunca havia recebido um bilhete como aquele. No máximo, um WhatsApp[®] dizendo: “Valeu, eu curti a noite com você. A gente se vê no fim de semana?”. Isso era outro nível. E, como estava claro que Max queria vê-la de novo, já não estava com tanta